

STEPHEN

Kim **A MALDIÇÃO**

Publicado anteriormente como *A maldição do cigano*



STEPHEN King A MALDIÇÃO

Escrito sob o pseudônimo de
Richard Bachman

Tradução
Louisa Ibañez



Copyright © 1984 by Richard Bachman

Direitos em língua portuguesa para o Brasil adquiridos do autor através de Ralph M. Vicinanza, Ltd.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Thinner

Capa

Rodrigo Rodrigues

Imagem de capa

Mirek Weichsel/Getty Images

Citação da canção *Mr. Bojangles*, de Jerry Walker.

Copyright © 1966 by Cotillon Music, Inc. – Daniel Music, Inc. Utilizado com permissão. Todos os direitos reservados.

Copidesque

Regiane Winarski

Revisão

Rita Godoy

Fátima Fadel

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
K64m

King, Stephen

A maldição [recurso eletrônico] / Stephen King ; tradução Louisa Ibañez. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
recurso digital

Tradução de: *Thinner*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

236 p. ISBN 978-85-8105-114-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ibañez, Louisa. II. Título.

12-6053 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

*À minha esposa,
Claudia Inez Bachman*

Capítulo 1: 111

“Mais magro”, sussurra o velho cigano de nariz carcomido para William Halleck quando ele e sua esposa Heidi saem do tribunal. Apenas estas duas únicas palavras, carregadas pela doçura enjoativa do hálito dele. “Mais magro.” E antes que Halleck possa recuar, o velho cigano estica o braço e acaricia-lhe a face com um dedo retorcido. Os lábios dele entreabrem-se como uma ferida, exibindo alguns cacos de dentes que despontam das gengivas como lápides quebradas. Cacos de dentes enegrecidos e esverdeados. A língua do velho se esgueira por entre eles e então desponta, para lamber os amargos lábios sorridentes.

Mais magro.

Essa recordação surgiu bastante a propósito, quando Billy Halleck subiu na balança, às sete da manhã, com uma toalha enrolada na cintura. O cheiro bom de bacon e ovos vinha do andar de baixo. Ele precisou esticar o pescoço um pouco para ler a marcação na balança. Bem... na verdade, precisou espichar-se mais do que um pouco. Precisou espichar-se bem. Era um homem grande. Grande demais, como gostava de dizer-lhe o dr. Houston. *Caso ninguém lhe tenha dito ainda, eu darei a informação*, anunciara o dr. Houston após seu último checkup. *Um homem com a sua idade, seus*

rendimentos e seus hábitos entra no território dos ataques cardíacos mais ou menos aos 38 anos, Billy. Você devia emagrecer um pouco.

Nesta manhã, contudo, havia boas-novas. Ele baixara de 113 quilos para 111.

Bem... na realidade, a balança marcara 113,8 quilos da última vez que tomara coragem para se pesar e dar uma olhada. Entretanto, estava de calça e tinha algumas moedas no bolso, sem falar no chaveiro e no canivete. Além disso, a balança do banheiro do andar de cima sempre marcava a mais. Ele estava moralmente convicto disso.

Quando garoto, em Nova York, ele ouviu dizer que ciganos tinham o dom da profecia. Talvez ali estivesse a prova. Billy tentou rir, mas conseguiu apenas esboçar um sorriso; ainda era muito cedo para rir dos ciganos. O tempo passaria e as coisas entrariam em perspectiva de novo; ele tinha idade bastante para saber disso. Agora, no entanto, sentiu o estômago muito dilatado embrulhar-se quando pensou em ciganos e desejou fervorosamente nunca mais ver nenhum enquanto vivesse. De agora em diante, rejeitaria a leitura de mãos em festas e se contentaria com o tabuleiro *Ouija*. Se chegasse a tanto.

— Billy?

A voz vinha do andar de baixo.

— Estou indo!

Ele se vestiu, notando com desgosto quase subliminar que, apesar dos 2 quilos perdidos, a cintura da calça estava ficando novamente apertada. No momento, sua cintura estava com 107 centímetros. Havia parado de fumar exatamente a zero hora e um minuto do dia de ano-novo, porém pagara o preço. E, poxa, como pagara! Desceu para o térreo com o colarinho aberto e a gravata em torno do pescoço. Linda, sua filha de 14 anos, acabava de cruzar a porta, em um esvoaçar de saia e balanceio do rabo de cavalo, atado essa manhã com uma sexy fita de veludo. Tinha os livros debaixo do braço. Dois espalhafatosos pompons de líder de torcida roxo e branco estavam pendurados na outra mão.

— Tchau, pai!

— Tenha um bom dia, Lin.

Ele se sentou à mesa e pegou o *The Wall Street Journal*.

— Querido — disse Heidi.

— Meu bem — respondeu ele eloquentemente e largou o jornal com a frente virada para baixo, ao lado da bandeja giratória.

Heidi colocou o café da manhã diante dele: um monte fumegante de ovos mexidos, um pãozinho com passas, cinco tiras de bacon crocante. Uma boa refeição. Ela se sentou na cadeira diante dele e acendeu um Vantage 100. Janeiro e fevereiro tinham sido tensos — demasiadas “conversas” que eram apenas discussões disfarçadas, com os dois terminando por dormir muitas noites de costas um para o outro. Entretanto, tinham alcançado um *modus vivendi*: Heidi parara de implicar com ele sobre o peso, e Billy parara de censurá-la por seu maço e meio de cigarros diários. Isso garantiria uma primavera bastante satisfatória. E, além do equilíbrio particular de ambos, houvera outras coisas boas. Halleck fora promovido. Greely, Penschley & Kinder agora era Greely, Penschley, Kinder & Halleck. A mãe de Heidi finalmente resolvera concretizar a longa ameaça de voltar para a Virgínia. Linda por fim conseguira entrar para o quadro de líderes de torcida e, na opinião de Billy, isso tinha sido uma bênção; algumas vezes tivera a certeza de estar caminhando para um colapso nervoso, devido aos melodramas da filha. Enfim, tudo ficara ótimo.

Então, os ciganos chegaram à cidade.

“*Mais magro*”, dissera o velho cigano, e que diabo seria aquilo no nariz dele? *Sífilis? Câncer? Ou algo ainda pior, como lepra? E, por falar nisso, por que não esquecer essa história? Por que não sepultá-la de uma vez?*

— Você não consegue tirar isso da cabeça, hein? — disse Heidi de repente, tão de repente que Halleck deu um pulo na cadeira. — *Não foi culpa sua, Billy*. O juiz declarou isso!

— Não era nisso que eu estava pensando.

— Pois então, *no que* você estava pensando?

— No jornal — ele respondeu. — Diz que a construção civil baixou novamente esse trimestre.

Claro, ele não teve culpa; o juiz disse isso. Juiz Rossington. Cary, para

os amigos.

Amigos como eu, pensou Halleck. Eu e o velho Cary Rossington jogamos muitas partidas de golfe, como você bem sabe, Heidi. Em nossa festa de fim de ano, há dois anos, quando pensei em parar de fumar, mas não parei, quem agarrou seu peitinho tão tentador durante o tradicional beijo-de-feliz-ano-novo? Quem foi? Ora, francamente! Foi o bom e velho Cary Rossington, tão certo como eu vivo e respiro!

Sim. O bom e velho Cary Rossington, diante de quem Billy argumentara em mais de uma dúzia de casos municipais. O bom e velho Cary Rossington, com quem Billy às vezes jogava pôquer no clube. O bom e velho Cary Rossington, que não se tinha declarado suspeito quando seu bom e velho parceiro de golfe e pôquer Billy Halleck (Cary às vezes lhe batia nas costas e gritava: “Como vão as coisas, grande Bill?”) apresentou-se diante dele no tribunal, não para debater algum ponto da lei municipal, mas acusado de homicídio culposo por atropelamento.

E quando Cary Rossington *não* se declarou suspeito para julgá-lo, quem o criticaria, crianças? Quem, em toda a bela cidade de Fairview, seria o crítico? Ora, ninguém! Ninguém criticou! Afinal, o que eram eles? Nada mais do que um bando de ciganos imundos. Quanto mais cedo dessem o fora de Fairview e pegassem a estrada em suas velhas caminhonetes com adesivos da ANR (Associação Nacional do Rifle) colados nos para-choques traseiros, quanto mais cedo víssemos as traseiras de seus trailers e de suas carroças de fabricação caseira, melhor. Quanto mais cedo...

... mais magro.

Heidi apagou o cigarro e disse:

— Não é nada de baixa na construção civil. Conheço você muito bem.

Billy também achava isso. E achava que ela também andava pensando a respeito do assunto. O rosto dela estava muito pálido. Ela aparentava a idade que tinha, 35 anos, e isso era raro. Haviam-se casado jovens, muito jovens, e ele ainda se lembrava do vendedor que lhes aparecera à porta vendendo aspiradores de pó três anos após terem se casado. Ele fitara Heidi Halleck, então com 22 anos, e perguntara polidamente: “Sua mãe está em casa, meu bem?”

— De qualquer modo, não me perturbou o apetite — ele disse, e era verdade. Angustiado ou não, ele fizera uma devastação nos ovos mexidos, e do bacon nem havia mais sinal. Billy bebeu metade do suco de laranja e deu a Heidi o grande e velho sorriso Billy Halleck. Ela tentou retribuir o sorriso, sem grande êxito. Ele a imaginou usando um aviso: MEU SORRISEIRO ESTÁ TEMPORARIAMENTE FORA DE SERVIÇO.

Ele estendeu o braço sobre a mesa e pegou a mão dela.

— Heidi, está tudo bem. E, mesmo que não esteja, tudo já acabou.

— Eu sei que já. Eu sei.

— E Linda... ela está...?

— Não. Não está mais. Ela disse... disse que as amigas estão dando muita força para ela.

Por cerca de uma semana após o ocorrido, a filha deles havia passado maus momentos. Voltava da escola em lágrimas ou quase chorando. Parara de comer. Estava irritadiça. Decidido a não exagerar em sua reação, Halleck tinha ido procurar a orientadora dos deveres de casa, o diretor-assistente e a professora mais querida de Linda, a srta. Nearing, que dava aulas de educação física e de animação de torcida. Ele averiguou (ah, aí estava uma boa palavra jurídica) que tudo aquilo era principalmente resultado de implicâncias, uma provocação rude e sem graça, comum entre os jovens daquela idade, além de inconveniente, em vista das circunstâncias. Mas o que se pode esperar de uma faixa etária para quem piadas de humor negro são o máximo?

Ele levou Linda para um passeio rua acima. A Lantern Drive era margeada por residências recuadas da rua e de bom gosto. As do começo custavam cerca de 75 mil dólares, chegando a 200 mil as que tinham piscina coberta e sauna, mais no final da rua, onde ficava o Country Club.

Linda usava o velho short xadrez, agora rasgado na bainha, e, Halleck notou, as pernas dela estavam tão esguias e compridas que o elástico da perna da calcinha de algodão amarelo aparecia. Sentiu uma pontada de pena e terror ao mesmo tempo. Ela estava crescendo. Billy imaginou que Linda sabia que o velho short xadrez já estava pequeno e surrado, mas achava que ela o usava por ser um elo com uma infância mais tranquila, uma infância em que pais

não tinham que comparecer a um tribunal e ser julgados (pouco importando quão predeterminado pudesse ser o tal julgamento, com o velho parceiro de golfe e bolinador beberrão dos peitos da esposa do acusado, o velho Cary Rossington, atrás do martelo), uma infância em que colegas não corriam até você no campo de futebol durante o quarto tempo, enquanto você lanchava, para perguntar quantos pontos seu pai fizera por encaçapar a velha.

Você compreende que foi um acidente, não é, Linda?

Ela assente com a cabeça, sem olhar para ele. Compreendo, papai.

Ela apareceu de repente, entre dois carros, sem olhar para os lados. Eu não tive tempo de frear. Foi absolutamente impossível.

Não quero mais ouvir nada sobre isso, papai.

Sei que não quer, diz ele. Eu também não quero falar, mas você tem ouvido a respeito. Na escola.

Ela o fita temerosamente. Papai! Você não...

Não fui à escola? Oh, fui! Fui, sim. Mas cheguei lá depois das três e meia da tarde de ontem. Não havia nenhum aluno por lá, pelo menos que eu pudesse ver. Ninguém vai saber.

Ela relaxa. Um pouco.

Soube que você está passando maus momentos com os colegas. Sinto muito.

Não tem sido tão ruim, diz ela, pegando a mão dele. Seu rosto — com um recente punhado de espinhas na testa — conta uma história diferente. As espinhas dizem que a convivência no colégio tem sido terrível. Ter um pai detido é uma situação que nem mesmo Judy Blume vivenciou (embora provavelmente tenha que vivenciar, um dia).

Também soube que você tem lidado bem com a situação, diz Billy Halleck. Não dando grande importância ao que dizem. Porque, se eles perceberem que as piadinhas a deixam irritada...

Sim, eu sei, diz ela taciturnamente.

A srta. Nearing falou que sente muito orgulho de você, continua ele. É uma pequena mentira. A srta. Nearing não dissera precisamente isso, mas falara bem de Linda, e isso era quase tão importante para Halleck quanto

era para a filha. E essas palavras fazem o milagre. Os olhos dela brilham e ela olha para Halleck pela primeira vez.

Ela disse isso?

Disse, confirma Halleck. A mentira sai fácil e convincente. Por que não? Ultimamente ele tem dito um bocado de mentiras.

Ela lhe aperta a mão e sorri agradecida.

Eles logo esquecerão isso, Lin. Encontrarão outro osso para roer. Alguma garota ficará grávida, um professor terá um colapso nervoso ou um garoto será apanhado por vender maconha ou cocaína. Então, você ficará fora da vista deles. Entendeu?

Ela de repente passa os braços em torno dele e o abraça com força. Ele decide que a filha, afinal de contas, não está crescendo assim tão depressa e que nem todas as mentiras são ruins. Eu amo você, papai, diz ela.

Também amo você, Lin.

Ele a abraça também e, de repente, alguém liga um potente amplificador estéreo dentro do cérebro dele. Ele torna a ouvir o baque duplo: o primeiro, quando o para-choque dianteiro do Oldsmobile bate na velha cigana com o lenço vermelho berrante sobre os cabelos desalinhados, o segundo, quando os enormes pneus dianteiros passam sobre o corpo dela.

Heidi grita.

E a mão dela sai do colo de Halleck.

Halleck abraça a filha com mais força, sentindo todo o corpo ficar arrepiado.

— Mais ovos? — pergunta Heidi, interrompendo seu devaneio.

— Não. Não, obrigado.

Ele contemplou o prato vazio com certo ar de culpa; não importava o quanto as coisas estivessem ruins, jamais lhe tiravam o sono ou o apetite.

— Tem certeza de que está...?

— Bem? — Ele sorriu. — Estou bem, você está bem, Linda está bem. E, como dizem nas novelas, o pesadelo terminou. Podemos retomar nossas vidas?

— É uma excelente ideia. — Dessa vez, Heidi oferece um sorriso, seu

verdadeiro sorriso. Parecia ter menos de 30 anos de novo e estava radiante. — Quer o resto do bacon? Ainda sobraram duas fatias.

— Não — responde ele, pensando na maneira como a calça apertava sua cintura macia (*Que cintura, ha-ha?*, fala em sua mente o pequeno e insosso Don Rickles. *A última vez que você teve cintura foi por volta de 1978, seu bolo fofo*), como precisava encolher o estômago para fechar o botão. Então, recordando a balança, diz: — Vou querer uma fatia. Perdi 2 quilos.

Apesar da recusa inicial, Heidi já tinha ido até o fogão. *Às vezes ela me conhece tão bem que chega a ser deprimente*, pensou ele. Heidi olhou para trás.

— Então, você ainda *pensa* naquilo.

— Não, *não* penso — disse ele, exasperado. — Um homem não pode perder 2 quilos em paz? Você vive dizendo que gostaria de me ver...

mais magro

... um pouco menos gordo...

Ela o fizera pensar no cigano outra vez. *Droga!*

O nariz carcomido do cigano e a sensação escamosa daquele dedo, deslizando por sua face antes que ele pudesse reagir e recuar, do jeito como nos afastamos de uma cobra ou de um bando de besouros movimentando-se sob um tronco apodrecido.

Ela lhe trouxe o bacon e deu-lhe um beijo no rosto.

— Desculpe. Vá em frente e perca um pouco de peso. Entretanto, se não perder nada, lembre-se do que diz o sr. Rogers...

— ... gosto de você do jeito que você é — terminaram, ao mesmo tempo.

Ele estendeu a mão para o jornal virado junto à bandeja giratória, mas aquilo era deprimente demais. Ele se levantou, saiu da casa e encontrou o *New York Times* em cima do canteiro. O garoto sempre o atirava em cima do canteiro, nunca tinha os exemplares certos no fim da semana e nunca se lembrava do sobrenome de Bill. Por várias vezes Billy se perguntara se seria possível um garoto de 12 anos estar sofrendo do mal de Alzheimer.

Levou o jornal para dentro, abriu-o na seção esportiva e comeu o bacon.

Estava concentrado na sessão sobre beisebol quando Heidi lhe trouxe a outra metade do muffin inglês, dourado pela manteiga derretida.

Halleck o comeu quase sem perceber o que fazia.

Capítulo 2: 110

Na cidade, um processo por perdas e danos que se arrastara por mais de três anos — e que ele esperava, de uma forma ou de outra, ver arrastar-se por *mais* três ou quatro anos — chegou a um inesperado e gratificante fim no meio da manhã, com o reclamante, durante um recesso do tribunal, concordando em encerrar tudo por uma quantia pura e simplesmente estonteante. Halleck não perdeu tempo. Providenciou para que o reclamante, um fabricante de tintas de Schenectady, e seu cliente assinassem um acordo na sala de audiências. O advogado do reclamante observava com visível consternação e descrença, enquanto seu cliente, presidente da companhia Good Luck Paint, rabiscava o nome em seis cópias do acordo, e depois, quando o funcionário do tribunal autenticou uma cópia atrás da outra, a cabeça careca reluzindo suavemente. Billy ficou sentado, quieto, as mãos relaxadas no colo, com a sensação de que ganhara na loteria de Nova York. À hora do almoço tudo estava terminado, exceto as aclamações.

Billy levou seu cliente até o O’Lunney’s, pediu Chivas em um copo longo para o cliente e um martíni para si mesmo. Depois ligou para casa para falar com Heidi.

— Mohonk — ele disse quando ela atendeu.

Era o nome de um resort, uma espaçosa construção ao norte do estado de Nova York, onde tinham passado a lua de mel (presente dos pais de Heidi) havia muito tempo. Os dois tinham ficado apaixonados pelo lugar e, desde então, haviam passado duas férias lá.

— O quê?

— Mohonk — repetiu ele. — Se não quiser ir, convido Jillian, do escritório.

— Não! Você *não* fará isso! Billy, o *que* está acontecendo?

— Quer ir ou não?

— É *claro* que quero! Este fim de semana?

— Amanhã, se conseguir a ajuda da sra. Bean para ficar de olho em Linda e certificar-se de que a roupa seja lavada, além de impedir quaisquer orgias na frente da televisão na sala de visitas. E se...

O grito agudo de Heidi abafou a voz dele por um instante.

— O seu caso, Billy! O negócio das tintas, o colapso nervoso, o episódio psicótico e...

— Canley vai fazer um acordo. Aliás, ele *já* fez. Depois de aproximadamente 14 anos de tolices de sala de conselho e longas opiniões legais significando exatamente nada, seu marido finalmente venceu uma causa para os mocinhos. Clara, decisivamente e sem sombra de dúvida. Canley quis um acordo e estou me sentindo o máximo.

— Billy! Meu Deus! — ela gritou novamente, agora tão alto, que o telefone distorceu a voz dela. Billy o manteve distante do ouvido, sorrindo. — Quanto seu cliente vai receber?

Ele mencionou a quantia e, dessa vez, precisou manter o fone longe do ouvido por quase cinco segundos.

— Será que Linda se incomoda se tirarmos cinco dias de folga?

— Por que se incomodaria se vai poder ficar acordada até tarde vendo televisão e chamar Georgia Deever para ficarem conversando sobre garotos enquanto acabam com meus chocolates? Está brincando? Acha que lá está fazendo frio nessa época do ano, Billy? Quer que ponha sua jaqueta verde na mala? Prefere sua parca ou a jaqueta jeans? Ou os dois? Você acha...

Billy respondeu que ela mesma escolhesse e voltou para junto de seu cliente. O homem agora já tinha tomado metade do enorme copo de Chivas e queria contar anedotas polonesas. Dava a impressão de que fora atingido por um martelo. Halleck bebeu seu martíni e ouviu, sem prestar muita atenção, velhas piadas sobre carpinteiros e restaurantes poloneses, a cabeça alegremente ocupada com outros assuntos. Aquele caso podia ter implicações de longo alcance; ainda era muito cedo para dizer que mudaria o curso de sua carreira, mas era possível. Era bem possível. Nada mau para o tipo de caso que os grandes escritórios aceitavam gratuitamente. Podia significar que...

... o primeiro baque joga Heidi para frente e, por um momento, ela o aperta; Billy mal toma consciência da dor em sua virilha. O baque é forte o bastante para fazer o cinto de segurança travar-se. O sangue voa — três gotas do tamanho de moedas — e salpica o para-brisa como chuva vermelha. Ela nem mesmo tem tempo de começar a gritar; irá gritar mais tarde. E ele nem mesmo tem tempo de começar a compreender. O começo da compreensão chega com o segundo baque. Então, ele...

... engoliu o resto do martíni de uma só vez. Os olhos se encheram de lágrimas.

— Você está bem? — perguntou o cliente, David Duganfield.

— Estou tão bem que você nem acreditaria — Billy estendeu a mão sobre a mesa, na direção do cliente. — Parabéns, David.

Não pensaria mais no acidente, não pensaria mais no cigano de nariz carcomido. Ele era um dos mocinhos; tal fato estava evidente no forte aperto de mão de Duganfield e em seu sorriso cansado, ligeiramente forçado.

— Obrigado, cara — disse Duganfield. — Muito obrigado mesmo.

Ele se inclinou de repente sobre a mesa e abraçou Billy Halleck desajeitadamente. Billy retribuiu o abraço. Entretanto, quando os braços de David Duganfield enlaçaram seu pescoço, Billy sentiu uma palma deslizar-lhe pelo canto da face e tornou a pensar na estranha carícia do velho cigano.

Ele me tocou, pensou Halleck, estremecendo enquanto ainda abraçava seu cliente.

A caminho de casa, tentou pensar em David Duganfield (aquele era um bom tema para pensar), mas, em vez de Duganfield, viu-se pensando em Ginelli quando estava na altura da ponte Triborough.

Ele e Duganfield haviam ficado a maior parte da tarde no O'Lunney's, porém o primeiro impulso de Billy havia sido o de levar seu cliente até o Three Brothers, restaurante em que Richard Ginelli constava como sócio anônimo. Fazia anos que não aparecia lá — com a reputação de Ginelli não seria prudente —, mas era ainda no Brothers que sempre pensava primeiro. Billy fizera algumas excelentes refeições e passara bons momentos lá, embora Heidi nunca tivesse gostado muito do lugar ou de Ginelli. Ginelli a

assustava, pensou Billy.

Estava passando pela saída para Gun Hill Road, na rodovia de Nova York, quando seus pensamentos voltaram para o velho cigano, tão previsivelmente como um cavalo retornando à própria baia.

Foi em Ginelli que você pensou primeiro. Quando chegou em casa naquele dia e Heidi ficou sentada na cozinha, chorando, foi em Ginelli que você pensou primeiro. “Ei, Rich, matei uma velha hoje. Posso ir até a cidade e falar com você?”

Mas Heidi estava no aposento ao lado, e ela não compreenderia. A mão de Billy pousou no telefone, depois se afastou. Com súbita clareza, ocorreu-lhe que ele era um bem-sucedido advogado de Connecticut que, quando as coisas ficavam pretas, pensava em ligar apenas para uma única pessoa: um gângster de Nova York que, aparentemente, adotara o costume de, no correr dos anos, abater os concorrentes a tiros.

Ginelli era alto, não muito atraente, mas em quem as roupas assentavam bem. Tinha uma voz forte e gentil; não o tipo de voz que se pudesse associar a drogas, depravação e assassinato. Ele estava associado aos três, caso se acreditasse em sua ficha policial. Mas tinha sido a voz de Ginelli que Billy quisera ouvir naquela terrível tarde depois que Duncan Hopley, chefe de polícia de Fairview, o havia liberado.

— ... ou vai ficar aí o dia inteiro?

— O quê? — exclamou Billy, sobressaltado. Percebeu então que estava parado em uma das poucas cabines de pedágio de Rye operadas por um ser humano.

— Perguntei se você vai pagar ou ficar...?

— Certo — disse Billy, entregando um dólar.

Pegou o troco e continuou dirigindo. Quase em Connecticut; 19 saídas para chegar até Heidi. Depois, partida para Mohonk. Duganfield não estava funcionando como distração; então, tente Mohonk. Que tal esquecer a velha cigana e o velho cigano apenas por um momento?

Entretanto, foi para Ginelli que seus pensamentos retornaram.

Billy o conhecera por intermédio da firma, que fizera algum trabalho jurídico para Ginelli sete anos atrás — trabalho de incorporação. Billy, então

um advogado muito jovem, recebera a incumbência. Nenhum dos sócios mais antigos sequer tocara no trabalho. Já naquela época, a reputação de Rich Ginelli era muito ruim. Billy nunca perguntara a Kirk Penschley por que, afinal, a firma aceitara Ginelli como cliente; teriam respondido a ele que cuidasse de sua parte e deixasse as questões morais para os mais velhos. Billy supusera então que Ginelli estivesse a par de algum segredo vergonhoso de alguém, pois ele era um homem que sabia de tudo que se passava ao redor.

Billy iniciara seu trabalho de três meses para a empresa Three Brothers esperando antipatizar com o homem para quem estava trabalhando, ou talvez mesmo temê-lo. Entretanto, viu-se atraído por ele. Ginelli era carismático, uma companhia divertida. Além do mais, tratava Billy com uma dignidade e respeito que ele só encontraria em sua própria firma quatro anos mais tarde.

Billy diminuiu a velocidade ao aproximar-se do pedágio de Norwalk, pagou 35 centavos e tornou a misturar-se ao trânsito. Sem pensar, inclinou-se e abriu o porta-luvas. Debaixo dos mapas e do manual do proprietário havia dois pacotes de bolinho recheado Twinkies. Ele abriu um e começou a comer rapidamente, algumas migalhas caindo em sua roupa.

Todo o seu trabalho para Ginelli tinha ficado pronto muito antes que um júri de Nova York o tivesse indiciado por ordenar uma onda de execuções no estilo do submundo do crime, na esteira de uma guerra do tráfico. A indicição viera do tribunal superior de Nova York, no outono de 1980. Na primavera de 1981, as acusações foram sepultadas, em vista principalmente de uma taxa de 50% de mortalidade entre as testemunhas do estado. Uma delas explodiu junto com o carro, em companhia de dois dos três detetives da polícia incumbidos de protegê-la. Outra teve a garganta perfurada pelo cabo quebrado de um guarda-chuva enquanto se sentava em uma cadeira de engraxate na Grand Central Station. As outras duas testemunhas-chave, não surpreendentemente, decidiram que não tinham mais certeza de ouvirem dizer que Richie “Martelo” Ginelli havia ordenado a morte de um chefão do tráfico no Brooklyn, chamado Richovsky.

Westport. Southport. Quase em casa. Ele tornava a inclinar-se e tateava o porta-luvas... Aha! Ali estava um pacote pela metade de amendoins de linha aérea. Estavam moles, mas ainda comíveis. Billy Halleck começou a mastigá-

los, sem saboreá-los, assim como não saboreara os Twinkies.

No correr dos anos, ele e Ginelli haviam trocado cartões de Natal e se encontrado para uma refeição ou outra, em geral, no Three Brothers. Após o que Ginelli mencionava teimosamente como “meus problemas jurídicos”, os encontros cessaram. Parte disso era devido a Heidi (ela se tornara uma resmungona de primeira categoria quando o tema era Ginelli), mas parte também fora decidida pelo próprio Ginelli.

— É melhor você parar de vir aqui por uns tempos — ele dissera a Billy.

— O quê? Por quê? — perguntara Billy de forma inocente, como se ele e Heidi não houvessem discutido a mesma coisa na noite anterior.

— Porque, para o mundo, eu sou um gângster — respondera Ginelli. — Advogados em começo de carreira que se associam a gângsteres não crescem, William. É isso. Para progredir, você tem que manter sua fachada limpa.

— É só por causa disso, mesmo?

Ginelli sorria de maneira estranha.

— Bem... ainda *há* outras coisinhas.

— Como o quê?

— William, espero que você nunca tenha de descobrir. Apareça para um café de vez em quando. A gente bate um papo e dá umas risadas. Mantenha contato, é o que estou dizendo.

Assim, ele mantivera contato, aparecendo lá de vez em quando (embora os intervalos houvessem ficado cada vez maiores, admitiu para si mesmo, enquanto ganhava a rampa de saída para Fairview); e quando se vira enfrentando o que poderia ser uma acusação de atropelamento negligente, foi em Ginelli que pensara primeiro.

Ora, mas o bom e velho pegador de tetas Cary Rossington cuidou disso, ele ouviu em sua mente. Então, por que agora está pensando em Ginelli? Mohonk — é nisso que devia estar pensando. E em David Duganfield, a prova de que os bons sujeitos nem sempre são os últimos. E em perder mais alguns quilos.

Entretanto, quando entrava na garagem, viu-se pensando em algo que

Ginelli havia dito: “William, espero que você nunca tenha de descobrir.”

Descobrir o quê?, perguntou-se Billy, e então Heidi saiu voando pela porta da frente para beijá-lo, fazendo-o esquecer tudo por algum tempo.

Capítulo 3: Mohonk

Aquela era a terceira noite deles em Mohonk, e haviam acabado de fazer amor. Tinha sido a sexta vez em três dias, uma vertiginosa mudança no ritmo costumeiro e tranquilo de duas vezes por semana. Billy ficou quieto ao lado dela, gostando de sentir seu calor, gostando do cheiro de seu perfume — Anaïs Anaïs — misturado ao seu suor limpo e ao odor de sexo. Por um momento, o pensamento fez uma hedionda conexão cruzada e ele estava vendo a cigana, um instante antes de o velho Oldsmobile atingi-la. Por um momento, ouviu uma garrafa de Perrier estilhaçando-se. Depois as visões sumiram.

Ele se virou para a esposa e a abraçou com força.

Ela retribuiu o abraço e deslizou a mão livre pela coxa dele.

— Sabe de uma coisa? — ela disse. — Se eu tiver outro orgasmo desses que vai até o cérebro, não vai sobrar mais nada dele.

— Isso é mito — disse Bill, sorrindo.

— O quê? Que um orgasmo pode ir até o cérebro?

— Não. Isso é verdade. O mito é a história de *perdermos* células cerebrais para sempre. As que gastamos num orgasmo tornam a crescer.

— Bem, você *falou*, está *falado*.

Heidi aninhou-se mais confortavelmente perto dele. A mão subiu até o alto da coxa, tocou-lhe o pênis de leve e amorosamente, brincou na extensão dos pelos púbicos (no ano anterior, ele ficara tristemente surpreso ao perceber os primeiros fios grisalhos ali, naquele lugar que seu pai chamara de bosque de Adão) e depois subiu pela colina do ventre.

Ela ergueu-se subitamente, apoiada nos cotovelos, sobressaltando-o um pouco. Ele não estava dormindo, mas caminhava para isso.

— Você *perdeu* peso mesmo!

— Hã?

— Billy Halleck, você está *mais magro!*

Ele bateu na barriga, que às vezes chamava de A Casa Que a Budweiser Construiu, e riu.

— Nem tanto. Ainda pareço o único homem no mundo que está grávido de sete meses.

— Você continua grande, mas não tanto quanto antes. Eu *sei*. Consigo perceber. Quando se pesou pela última vez?

Ele procurou lembrar. Tinha sido na manhã em que Canley fizera o acordo. Seu peso baixara para 111.

— Eu disse para você que tinha perdido 2 quilos, lembra-se?

— Bem, amanhã de manhã cedo você se pesa de novo — ela disse.

— Não tem balança no banheiro — Halleck respondeu satisfeito.

— Está brincando!

— De jeito nenhum. Mohonk é um lugar *civilizado*.

— Encontraremos uma.

Ele estava começando a cochilar novamente.

— Se é o que você quer, tudo bem.

— Eu quero.

Ela era uma boa esposa, pensou ele. Ao longo dos últimos cinco anos, desde que começara a ganhar peso com regularidade e a corpulência fora ficando visível, Billy anunciara dietas e/ou programas de exercícios para ficar em forma. As dietas tinham sido marcadas por uma infinidade de infrações. Um cachorro-quente ou dois no início da tarde, suplementando o almoço de iogurte, ou talvez um hambúrguer ou dois devorados apressadamente numa tarde de sábado, quando Heidi estava num leilão ou numa venda de objetos usados. Vez ou outra, inclusive, ele chegara a humilhar-se ante os horrorosos sanduíches quentes encontrados na pequena loja de conveniência que ficava um quilômetro e meio estrada abaixo. A carne dos sanduíches parecia pedaços de pele esturricada após ter passado pelo forno de micro-ondas, porém ele não se lembrava de ter jogado nenhum resto fora. Gostava de cerveja, tudo bem, era uma fraqueza, porém gostava ainda mais de comer. Linguado à moda de Dover parecia um prato divino em um dos mais

refinados restaurantes de Nova York, mas se ele estivesse sentado diante da televisão vendo um jogo, um saco de Doritos e pasta de frutos do mar para acompanhá-los era o ideal.

Os programas de exercícios físicos duravam às vezes uma semana, e então o horário de trabalho interferia ou, simplesmente, ele perdia o interesse. No porão, um conjunto de halteres permanecia esquecido em um canto, acumulando teias de aranha e ferrugem. Eles pareciam censurá-lo sempre que ele descia até lá. Billy procurava não olhar para eles.

Assim, ele encolhia ainda mais a barriga e anunciava confiante a Heidi que perdera 7 quilos e estava agora com 106. Ela assentia, respondia que estava muito contente, claro que percebia a diferença, mas sabia o tempo todo, porque via o saco (ou sacos) de Doritos vazio no lixo. E desde que Connecticut adotara a lei da reciclagem, as garrafas e latas vazias na despensa se tinham tornado uma fonte de culpa quase tão grande quanto os halteres.

Heidi o via dormindo; ainda pior, via-o urinando. Ninguém consegue contrair a barriga quando urina. Ele já tentara, sabia ser impossível. Heidi sabia que Billy perdera um quilo e meio, dois no máximo. Pode-se enganar a esposa sobre outra mulher — pelo menos durante algum tempo —, mas não sobre o próprio peso. Uma mulher que suporta nosso peso de vez em quando, à noite, sabe o quanto pesamos. Contudo, ela sorria e dizia: *Oh, claro que você parece melhor, querido*. Uma parte disso talvez não fosse tão admirável — mantinha-o calado sobre os cigarros dela; porém ele não se iludia em pensar que isso era tudo ou, pelo menos, a maior parte. Tratava-se de uma forma de deixá-lo conservar o amor-próprio.

— Billy?

— O que é?

Arrancado do sono uma segunda vez, Billy olhou-a, um tanto divertido, um tanto irritado.

— Você se sente perfeitamente bem?

— Eu me sinto ótimo. Que história é essa de “você-se-sente-perfeitamente-bem”?

— Ora... às vezes... dizem que uma perda de peso não planejada pode ser indício de alguma coisa.

— Me sinto *excelente*. E se não me deixar dormir, eu lhe provo o que digo subindo em cima de você outra vez.

— Vá em frente.

Ele grunhiu. Ela riu. Logo, estavam dormindo. E, no sonho, ele voltava com Heidi do Shop'n Save, com a diferença de que, desta vez, ele *sabia* que era um sonho, *sabia* o que ia acontecer e queria dizer a ela que parasse o que estava fazendo, que ele precisava concentrar toda a atenção em dirigir, porque logo uma velha cigana irromperia entre dois carros estacionados — um Subaru amarelo e um Firebird verde-escuro, para ser exato —, e essa velha estaria usando fivelas baratas e infantis de plástico nos cabelos grisalhos, e ela estaria olhando fixamente para a frente, em vez de observar os lados. Ele queria dizer a Heidi que aquela era a sua chance de desfazer tudo, de modificar o acontecido, de consertar.

Mas ele não podia falar. O prazer despertava novamente ao toque dos dedos dela, brincando primeiro, depois mais seriamente (seu pênis enrijecia enquanto ele dormia, e Billy virou ligeiramente a cabeça ao clique metálico do zíper, descendo, dente por dente); o prazer misturou-se a uma sensação de terrível inevitabilidade. Agora já via o Subaru amarelo à frente, estacionado atrás do Firebird verde, com listras brancas de carro de corrida ao longo da lataria. E, do meio deles, um relance de colorido pagão, mais berrante e mais vital do que qualquer trabalho de pintura efetuado em Detroit ou em Toyota Village. Billy tentou gritar: *Pare com isso, Heidi! É ela! Vou matá-la novamente se você não parar com isso! Pelo amor de Deus, não! Por favor, oh, meu Deus, não!*

Entretanto, a figura brotou do meio dos carros. Halleck tentava tirar o pé do acelerador e passá-lo para o freio, mas ele parecia ter ficado colado onde estava, pressionado com uma terrível, irrevogável firmeza. *O cola-tudo da inevitabilidade*, ele pensou loucamente, tentando girar o volante, mas este tampouco girava. Estava preso, bloqueado. Então, tentou preparar-se para a colisão. Foi quando a cabeça da cigana se virou, e não era a velha, oh, não, hã-hã, era o cigano de nariz carcomido. Só que, agora, ele não tinha mais olhos. No instante antes de o Oldsmobile bater nele e derrubá-lo, Halleck viu as órbitas vazias que o fitavam. Os lábios do velho cigano distenderam-se em

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Maldição"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).